

### TEXTO 03

## OS RAMOS QUE ATRAVESSAM: EXPRESSÕES DA DESIGUALDADE EM UM PENSAMENTO INTERSECCIONAL DE LUTA E TRAJETÓRIA

Nas linhas das encruzilhadas  
atravessam tempestades  
atravessam as dores  
atravessam os amores  
tem comunicação, tem exú...  
Nos ardores *donados* de cores  
quando não entendo a que pé estou  
volto e me pergunto onde estive  
até entender onde cheguei  
com os pés calejados  
de tanto rodar nesse espiral  
de tanto enraizar os meus galhos  
de tanto, também, quebrar os galhos  
apesar disso tudo  
ainda carrego minha bagagem  
sabendo que não precisava passar  
porém, compreendo a minha força agora.

Rauan Batista



Fonte: Arquivo Pessoal.



Pensar a interseccionalidade é refletir sobre os processos que nos atravessam ao longo de nossas vidas, evidenciando os privilégios e opressões que acumulamos nessa trajetória. A perspectiva interseccional, como já apresentamos, opera a partir da politização dos elementos de identidade e identificação, exercício de lançar luz e resistir ao sombreamento. Busca um olhar sistêmico e fundamentado na perspectiva da complexidade, permitindo assim, compreender e confrontar perspectivas políticas e sociais que configuram (a partir da invisibilidade) uma maior opressão dessas identidades.

Usamos aqui a metáfora da árvore. A árvore ao nascer finca suas raízes ao solo e vai crescendo com o passar do tempo, criando suas extensões que são os galhos, as folhas, as flores, os frutos e, por fim, cria-se mais extensões de si, como outras árvores. Então é um caminho que vai se ampliando com o passar do tempo e claro, existem imposições a essa árvore, como dar frutos ou flores, ser grande ou pequena, liberar oxigênio ou não e, a partir da expropriação da natureza perante o capitalismo, podemos pensar sobre a utilização das árvores para lenhas, fazer papel, etc.

Logo, percebemos que perto ou distante dessa realidade interseccional, somos enquadrados ou jogados dentro de um campo de performatividade social que nos posiciona em situações que, às vezes, nos favorece, porém, em uma sociedade fundamentada na desigualdade de poder e na manutenção e ressignificação de formas de opressão, na maior parte do processo nos oprime, deixando-nos mais longe dos nossos objetivos ou formas de viver igualmente ou equitativamente .

Para a análise da dimensão autonomia, podemos lançar mão do enfoque das capacidades e funcionamentos, de Amartya Sen. Em sua reflexão sobre desigualdade, Sen remete às perspectivas da autonomia e liberdade, capacidades que supostamente temos de definir por um ideal de vida boa, como por exemplo: ser capaz de fazer escolhas, ter liberdade (não dependência) para cuidar de si e da família.

Cabe ressaltar que na perspectiva de Sen, refletindo a partir de uma abordagem interseccional, as capacidades de funcionamento de que dispõem as pessoas não são simplesmente autogeradas, elas sofrem efeitos das condições externas, como a relação com o Estado e a sociedade, viver em um contexto de preconceito, discriminação, e violência, por exemplo. Neste sentido, a existência demanda capacidades para funcionamentos e o Estado precisa, através de suas diferentes políticas, assumir o seu papel de provimento de condições para materialização da

cidadania, e é por isto que é tão urgente pensarmos uma abordagem interseccional no campo das políticas públicas.

Neste terceiro texto o convite é para que possamos refletir mais, de “perto e de dentro” sobre estas questões. Assim, iremos traçar perfis de sujeitas/sujeitos/sujeites refletindo de uma maneira interseccional sobre os encadeamentos que suas trajetórias trouxeram para suas vidas, com impacto em suas capacidades de funcionamento, ou, dito em outras palavras, de definir por um ideal de vida boa. Ampliando nosso olhar a partir desse território de suas histórias/trajetórias de vida, viabilizando observar e entender não somente as raízes mas, mirar os galhos, as flores, os frutos e tudo que está em torno dessas vivências/experiências.

### **Marielle Franco: “cria da Maré”**

“As rosas da resistência  
nascem no asfalto.  
A gente recebe rosas,  
mas vamos estar  
com o punho cerrado  
falando de nossa  
existência contra  
os mandos e desmandos  
que afetam nossas vidas.”

- Marielle Franco. Sobre o feminismo.



**Marielle Francisco da Silva**, nascida na cidade do Rio de Janeiro, residia na favela da Maré, onde as ruas, os becos, vielas, morros contam sua história pelos vários caminhos dessa comunidade. Ela que foi eleita vereadora pelo PSOL (Partido Socialismo Brasileiro) em 2016, com mais de 40 mil votos, assumiu o seu mandato em 2017 e teve o mesmo interrompido em 2018. Entretanto, suas raízes já tinham se espalhado, suas sementes já estavam armazenadas no coração de uma sociedade que **clama por justiça social**. Marielle vive e está presente!

Marielle Franco, como ficou conhecida, era ativista dos direitos das mulheres e da população LGBTQIA+, formada em Ciências Sociais pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Mestra em Administração Pública pela UFF (Universidade Federal Fluminense), a qual a



sua dissertação discute sobre as políticas de seguranças adotadas nas favelas e a redução das comunidades a UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), percebendo que o Estado consolida um discurso de “insegurança social” e instaura as UPPs em uma disputa de controle aos pobres e favelados de diversas comunidades do Rio de Janeiro, analisando em sua pesquisa o *locus* que ela nasceu e se criou, a Maré.

Mesmo com o seu vasto reconhecimento de luta e trabalho social, por diversas ONGs, como a Anistia Internacional, nas diversas periferias (não somente do Rio de Janeiro, pois, ela já tinha um reconhecimento internacional) e por sua história de vida, a ativista não deixou de ser vítima de um **SISTEMA CRUEL E ASSASSINO**.

**MULHER, PRETA, PERIFÉRICA, BISSEXUAL, POBRE, MÃE** essa era algumas das interseccionalidades que a atravessavam. Estas também eram suas bandeiras de luta no cotidiano e nos espaços políticos. Sua disputa era por dar vez e voz a essa população que é marginalizada e brutalmente assassinada. Marielle, era uma das principais responsáveis pelas denúncias e enfrentamento das crueldades do sistema.

Em um dos seus últimos pronunciamento ela diz que,

[...] o embate para quem vem da favela, nós somos violadas e violentadas há muito tempo e muitos momentos. Nesse período, por exemplo, onde a intervenção federal se concretiza na intervenção militar, eu quero saber como ficam as mães e familiares das crianças revistadas. Como ficam as médicas que não podem trabalhar nos postos de saúde. Como ficam as mulheres que não têm acesso à cidade? Essas mulheres são muitas. São mulheres negras; mulheres lésbicas; mulheres trans; mulheres camponesas; mulheres que constroem essa cidade, onde diversos relatórios – queiram os senhores ou não- apresentam a centralidade e a força dessas mulheres, mas apresentam também os números que o [The] Intercept publicou do dossiê de lesbocídio que, no ano de 2017, houve uma lésbica assassinada por semana. (Último pronunciamento de Marielle Franco, em Sessão Plenária, no dia 08 de março de 2018).

Esse pronunciamento, que foi feito no dia Internacional da Mulher, ecoou de uma maneira forte, direta e realista. Reafirmando o que passam mulheres periféricas em sua realidade social. O que sofrem mulheres cis e trans em suas diversas intersecções e, por sua vez, como um discurso que relativiza a existência/vivência dessas mulheres a simples fatos do cotidiano. Entretanto, a Marielle sempre lembrava que esses galhos estavam sendo destruídos e que essa brutalidade atingia diretamente a realidade dessas sujeitas e que havia estabelecida uma guerra nas comunidades que assolava uma dualidade entre violência e violentados.

Um dia antes de sua morte, a ativista publicou a seguinte mensagem e denúncia em seu perfil no Twitter:



**“QUANTOS MAIS VÃO PRECISAR MORRER PARA QUE ESSA GUERRA ACABE?”** Essa era uma grande questão que era levantada por Marielle, mas, não somente por ela, e sim por toda uma sociedade periférica que grita por JUSTIÇA, que vive uma realidade de extrema violência e medo no seu dia a dia.

No dia 14 de março de 2018, **mais uma Silva** foi brutalmente ASSASSINADA junto a seu motorista Anderson Gomes, ao sair de uma palestra, em que Marielle falava sobre **NEGRITUDE, REPRESENTATIVIDADE E FEMINISMO**. Foram treze disparos, no qual uns quatro a atingiram. Esses tiros tinham como intenção SILENCIAR a voz que ecoava e denunciava as diferentes brutalidades sofridas pelo povo periférico, pelas mulheres, pelos LGBTQIA+, por uma sociedade injustiçada. Marielle Franco, foi vítima política de um sistema racista, patriarcal, machista, sexista, elitista, lgbtfóbico que tanto lutou para romper com as raízes dessa institucionalização da violência.

O que não esperavam é que a voz dela ecoaria ainda mais, puxando e se juntando a diversos movimentos de lutas como o **“Quem matou Marielle”, “Quem mandou matar Marielle”, “Black Lives Matter”**, criando-se uma onda de revoltas e manifestações populares, não somente pelo Rio de Janeiro, mas, ao redor do mundo. MARIELLE, se tornou um nome e um marco na luta social e de classe. Porém, é um caso que espera-se respostas significativas desde seu assassinato, que já fazem aproximadamente 4 anos e 8 meses que não se tem uma resposta efetiva do caso. Foram acusados do assassinato Ronnie Lessa, que seria o executor dos disparos, e Élcio Vieira de Queiroz, este que dirigia o carro que perseguia Marielle e Anderson.

Esse caso conta com diversos desdobramentos ao longo dos anos, porém, nada conclusivo do que realmente aconteceu. Entendemos que esse tipo de injustiça acontece todos os dias. E, é nesse pensamento que nos confrontamos com a interseccionalidade, se Marielle fosse uma mulher branca, da burguesia (e nem precisamos ir mais longe nas intersecções), você não acha que já teríamos todas as conclusões deste caso?

Neste momento, afirmamos que Marielle está presente, que Marielle vive e sua voz não será silenciada pela sua morte. Como já dito reiteramos, suas raízes, suas sementes, seus frutos, os galhos, já construíram e constituíram morada em sujeitos(as/es) que sentem e lutam por Marielle e por tantas(os) outras(os/es) que foram assassinadas(os/es) por esse sistema racista, de classe e patriarcal.

**Linn da Quebrada: “não sou homem, não sou mulher, SOU TRAVESTI!”**

“Eu já cansei de falar, já perdi a paciência  
Você finge não escutar, abusa da minha inteligência  
Mas eu tô ligada, seu processo é muito lento  
Vou tentar te explicar mais uma vez o fundamento”  
- Linn da Quebrada. Letra da música: Bixa Travesty



**Lina Pereira**, nascida na zona leste de São Paulo, mas, itinerante de várias quebradas periféricas. É atriz, compositora, cantora, apresentadora, diretora/roteirista, ARTISTA ou ARTIVISTA. Sua trajetória vai além das marcas que ela carrega no seu corpo, seja pelas cicatrizes da vida ou pelas suas tatuagens que são carregadas de significados.

Este corpo que é político, sua vida que é política, sua existência que é política, sua história que é política.

Linn da Quebrada, como se autodeclara artisticamente, lançou sua primeira música em 2017 intitulada: “Enviadescer”. E, óbvio, nos vem o questionamento: o que seria **enviadescer**? Para a artista, seria romper as barreiras das masculinidades, quebrar as portas do armário, ser bixa, ser afeminada, **SER**. Essa música deu à luz para que em 2018 ela pudesse lançar o seu primeiro álbum, Pajubá. No qual, a Lina tem um jeito único e irreverente de mostrar a sua arte, as letras, os seus



timbres e tons. Se não fosse para fugir do usual, do quadrado, do normativo, ela nem teria chegado aonde chegou. Ousar **SER** ou SIMPLEMENTE **SER** é o que muitas travestis e mulheres transsexuais fazem em suas trajetórias de vida. Pois, é uma realidade que ainda não é para todas, tendo em vista que o Brasil é um dos países que mais violentam e matam pessoas transsexuais e travestis no mundo.

The screenshot shows the header of the website 'Brasil de Fato' with the tagline 'UMA VISÃO POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO'. It includes social media icons for WhatsApp, Facebook, Twitter, YouTube, Instagram, and a search icon, along with language options for 'ENGLISH' and 'ESPAÑOL'. A navigation menu lists categories: Início, Opinião, Política, Direitos Humanos, Cultura, Geral, Saúde, Internacional, Especiais, Rádio, and Podcast. The article breadcrumb is 'INÍCIO > DIREITOS HUMANOS'. The main title is 'VISIBILIDADE TRANS' followed by 'Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo'. The sub-headline reads: 'Segurança pública no país continua a ignorar questões de gênero e 11 estados brasileiros não têm dados sobre LGTBI+fobia'. The author is 'Ester Pinheiro' and the publication info is 'Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 23 de Janeiro de 2022 às 11:06'.

Ao refletir sobre os dados de violência é chocante os números, 70% dos casos de transfobia acontecem na América do Sul e Central, sendo o Brasil responsável por 33% dos casos. Os dados apontam que, “[...] nos últimos 13 anos, pelo menos 4.042 pessoas trans e de gêneros diversos foram assassinadas, entre janeiro de 2008 e setembro de 2021”. Acho que esses dados já escancararam a necessidade de analisar as intersecções que atravessam os corpos de pessoas trans e travestis.

A Linn da Quebrada vem para tentar quebrar a lógica hetero/cisnormativa de pensamento e construção social, em uma de suas palavras afirma, “não sou homem, não sou mulher, SOU TRAVESTI!”, assim, afirmando sua identidade e sua existência no mundo.

O documentário produzido e dirigido pela artista junto com Claudia Priscilla e Kiko Goifman, **Bixa Travesty**, explora toda essa história de vida e intersecções que traz a Lina Pereira. Mostrando não somente sua força mas, suas fragilidades enquanto um SER HUMANO, abordando aspectos mais íntimos da sua vida, como por exemplo quando teve câncer. Esse momento foi a virada de chave para que viesse a Linn da Quebrada, compositora e cantora.

A Lina não tem medo de mostrar as suas inseguranças, dores, atravessamentos, suas marcas são sua história, seu passado, seu presente, seu futuro, a narração de sua vida.

“Eu tenho medo do escuro, tenho medo de ficar sozinha ou medo de... de não pertencer. Acho que no medo de não pertencer eu acabei inventando um lugar para mim mesma para que pelo menos, eu pertencesse a mim” - Linn da Quebrada em Bixa Travesty (Documentário).

Os discursos nas letras da Linn trazem o inconformismo que ela carrega, traz perspectivas do cotidiano, do agora, da história dessas mulheres, dessas bixas, dessas bixas travestis, como a artista se denomina em sua identidade. É na ferida que ela toca, assim pensamos, é isso sejam BIXA TRAVESTY. Quando ela traz no seu documentário, “as pessoas não buscam saber quem eu sou”, analisamos que a artista tatuou em sua testa o pronome **ELA** para que não fosse confundida com o pronome masculino.

É interessante que mesmo ela tatuando o pronome que quer ser chamada em sua testa, essa realidade não mudou e podemos comprovar através da sua participação no BBB 22, em que situações de transfobia aconteceram NÃO SOMENTE pelo uso do pronome errado, mas, por colocarem em uma posição de ensinar que não lhe cabia. E, quando pessoas trans ou travestis não querem ensinar, elas são colocadas no papel de vilã, agressiva, “é mi mi mi”, o mesmo acontece com pessoas pretas, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, etc. Atribuem a responsabilidade a essas pessoas, como se elas não pudessem só existir.

A Linn da Quebrada no final desse documentário nos deixa a seguinte reflexão:

Nós somos históricas, né? Somos nós que somos loucas. Mas, é claro! Se não nos dão ou nos dão o mínimo possível para nos manter vivas. Nos dão o mínimo ou quase nenhum afeto. Ai dizem que nós que temos um transtorno de identidade de gênero. Mas, nós não vamos dar esse gostinho a vocês, porque eu não sou louca, posso estar louca, mas serei O MEU PRÓPRIO TRANSTORNAR. Eu vou continuar me transtornando, me movimentando e me tornando tantas outras que já serei um transtorno para as suas teses. Eu serei o transtorno que vocês criaram. Porque desculpas, continuamos em obras, vou continuar em obras por muito tempo. E o transtorno será todo de vocês. Com todo prazer!

Por muito tempo se criou essa histeria, que seria um desvio de comportamento atribuído às mulheres. Se pensaram papéis para que os corpos pertencessem socialmente. Para que as pessoas fossem aceitas e pudessem existir. Mas, só pertencemos a nós mesmos e a quem queremos pertencer. Assim, para Lina suas intersecções são suas bandeiras de ARTIVISMO, DE LUTA, DE PERTENCER com medo ou sem medo. Transgredir, transmutar, transdizer, transresignificar, TRANSLUTAR. E, como diz a Linn da Quebrada em sua música **Bixa Preta**, “a minha pele preta é meu manto de coragem, impulsiona o movimento, envaidece a viadagem”.

“Soy un eslabón de la cadena y la cadena no se rompe aquí”.

Esa es una frase que usan las mujeres de mi comunidad.

La pronunciación al inicio y cierre de cada Encuentro comunitario.

Esa frase significa que estamos aquí y ahora, que estamos juntas, asumiendo el rumbo de nuestra propia historia.”<sup>1</sup>

- Francia Márquez. Convención Nacional Feminista, Honda (Tolima).



**Francia Elena Márquez Mina** é a atual e PRIMEIRA vice-presidenta AFRO COLOMBIANA. Esta mulher que nasceu no território de Suárez - Cauca, na Colômbia, nasce com uma história de luta e movimento social. Com o lema “*Soy porque somos*” que origina do pensamento africano do UBUNTU, Francia, com o seu carisma, sorriso, resistência, resiliência ousou. Ousou quando lutou pela sua comunidade, em que

garimpeiros poluíam com chumbo e mercúrio o rio que é fonte para esta população. Ousou desde criança pensar em sua negritude e pertencimento na sociedade colombiana. Ousou encarar um sistema político e social que mais mata ativistas ambientais colombianas(os/es). Ousou chegar à vice-presidência com muita garra e coragem, apesar de várias ameaças e ter que sair do seu local de nascimento para que continuasse a sua trajetória política.

Tristemente, haber sido desplazada de manera forzosa del territorio nos impide, a mis hijos y a mí, tener un vínculo directo con él, pero antes de esta situación todo lo que realizábamos estaba arraigado o conectado con el territorio (FRANCIA, p. 13).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> “**Sou uma ponte da cadeia e a cadeia não se rompe aqui**”. Essa é uma frase que usam as mulheres de minha comunidade. É pronunciado a cada início e fechamento em cada Encontro comunitário. Essa frase significa que estamos aqui e agora, que estamos juntas, assumindo o rumo de nossa própria história”.

<sup>2</sup> Tradução livre: “Tristemente, ter sido deslocada de maneira forçada do território nos impede, a meus filhos e a mim, ter um vínculo direto com ele, mas antes desta situação tudo o que realizamos estava intrinsecamente enraizado ou conectado com o território.

A bravura no olhar e sua maneira de lutar pelos direitos das mulheres (afro colombianas e periféricas), LGBTQIA+, pela população colombiana e por uma nação latino-americana ainda mais unida e forte, a vice-presidenta, que foi crucial para vitória do atual presidente Gustavo Petro, criou um sentimento de esperança novamente no coração das(os) colombianas(os/es) e em toda latino-america. Mirando um futuro melhor para a população, vista pela sociedade como “los nadies y las nadies” (os ninguém e às ninguém) e tenta causar uma inversão na vida dessas pessoas, inserindo efetivamente na sociedade, através de políticas públicas que assegurem esse direito, seja como ATIVISTA ou vice-presidenta, bem como trabalhando para que tenham direitos e dignidade de vida.

Não obstante, a ativista tece críticas ao pensamento capitalista e ao modo de vida no campo e na cidade, assim, mostrando a necessidade marcada nessa linha territorial.

Tejer relaciones entre campo y poblado, a partir de conectar los saberes del territorio rural y el territorio urbano, tal vez nos permita encontrar maneras de vernos como comunidad, como familia extensa, tal vez permita entender que los problemas urbanos están conectados con lo rural y viceversa (FRANCIA, p. 19)<sup>3</sup>.

Assim, em sua crítica mostra que o consumo na cidade afeta diretamente a vida no campo, responsável por uma produção em massa e uma exploração de riquezas naturais que estão conectadas a violações de direitos sistemáticos e humanos, como no caso da sua comunidade que foi invadida por garimpeiros e os rios e matas poluídos com produtos químicos.

Na campanha presidencial o lema, “*vivir sabroso*”<sup>4</sup>, está diretamente relacionado ao estilo de vida que se quer trabalhar para oferecer a toda uma sociedade colombiana, esta que já foi vítima de muitas crueldades sociais e guerras declaradas a ativistas políticos de diversos campos dos saberes, as condições de viver com dignidade, respeito, amor, empatia. Essa relação estaria relacionada a uma filosofia de vida no âmbito social, espiritual, cultural, ambiental, etc.

Essa vitória mostra a importância de políticas e relação entre os países, principalmente Brasil e Colômbia, que no atual governo (Bolsonaro), tem quase ou nenhuma relação entre os países

---

<sup>3</sup> Tecer relações entre campo e cidade, a partir de conectar os saberes do território rural e o território urbano, talvez nos permita encontrar maneiras de vermos como comunidade, como família extensa, talvez permita entender que os problemas urbanos estão conectados com o rural e vice-versa.

<sup>4</sup> “**Viver Saborosamente**”.



*hermanos*<sup>5</sup>. Sendo o Brasil um dos países que mais recebe imigrantes/refugiados latino-americanos, em que dados do portal da UNICAMP, que analisa dados oficiais do Registro Nacional Migratório (RNM), mostra que mais de 81.036 mil colombianos (dados equivalentes ao período de 2000 a 2022) vivem em terras brasileiras, motivados principalmente pela questão social e financeira. Esses dados só levam em consideração os pedidos de oficialização dos imigrantes/refugiados cadastrados ao RNM, porém, sabemos que nem todos conseguem ter o mesmo acesso ao sistema migratório, tendo muitos desses colombianos que viver “ilegalmente” no país, por falta de políticas nacionais que os cadastrem e integrem efetivamente a sociedade.

Assim, para a vicepresidenta, “Resistir no es aguantar. La dignidad no tienen precio”<sup>6</sup>. E é nessa perspectiva que entendemos a importância dos estudos interseccionais para a construção de saberes e enfrentamentos efetivos na vida desses sujeitos(as/es) que estão na linha de frente de todo o entrelaçamento da questão social que carrega na história de vida dessas(es) atoras(es) sociais.

Portanto, entendemos que para construirmos uma sociedade que seja para todas(os/es), precisamos confrontar essas intersecções que colocam tais pessoas em realidades não dignas de vida, dessa forma, cumprindo o papel efetivo que existe entre sociedade, consumo e Estado. Na frase que usaremos abaixo da Francia, evidenciamos que esse seu pensamento não só se aplica a Colômbia, mas, a toda nação e povos latino-americanos.

“La mejor manera de lograr una Colombia posible es lograr la paz real, lograr una justicia real que logre erradicar el racismo estructural y el patriarcado. Ser capaces de construir una política para la vida que cierre las brechas de inequidad, desigualdad, que trabaje por implementar políticas antirracistas y antipatriarcales, que construya políticas económicas desde otras «alternativas al desarrollo» que propendan por la conservación ambiental. Esto, sin dudas, implica el tránsito hacia un gobierno alternativo, dispuesto a promover esos cambios estructurales en la sociedad” (p. 20)<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Irmãos.

<sup>6</sup> “Resistir não é aguentar. A dignidade não tem preço.”

<sup>7</sup> “A melhor maneira de alcançar uma Colômbia possível é efetivar a paz real, é firmar uma justiça real que erradique o racismo estrutural e o patriarcado. Ser capazes de construir uma política para a vida que feche lacunas na iniquidade, desigualdade, que trabalhe para implementar políticas antirracistas e antipatriarcais, que construa políticas econômicas desde outras <alternativas ao desenvolvimento> que prospere pela conservação ambiental. Estes, sem dúvidas, implicam o trânsito para um governo alternativo, disposto a promover estas mudanças estruturais na sociedade.”



Portanto, é urgente que lancemos parte dessa construção e enfrentemos os nossos atravessamentos. As intersecções que nos constituem, uma vez que fluem em um caminho o qual os galhos, as flores, os frutos estejam em um fim de outono, usemos estar todos, todas e todes prontos para a chegada da primavera. Movimentando-se e flutuando nas correntes de um rio, na busca incansável do SER, na perspectiva do PERTENCER DIGNAMENTE. Sejamos efetivamente a transformação social que queremos. Construindo e popularmente refletindo sobre saberes, trajetórias, histórias que transformam relações subjetivas em TRANSsubjetivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. Disponível em: <[https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle?gclid=CjwKCAjw79iaBhAJEiwAPYwoCNxfchfSB9r-mK68o-2ABHtYnRwIBAz8iYwtJaawCp7n81kpYw0kpBoCFWQQAvD\\_BwE](https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle?gclid=CjwKCAjw79iaBhAJEiwAPYwoCNxfchfSB9r-mK68o-2ABHtYnRwIBAz8iYwtJaawCp7n81kpYw0kpBoCFWQQAvD_BwE)> Acesso em 25/10/2022 - 13:00.

QUEM FOI MARIELLE FRANCO? CONHEÇA SUA HISTÓRIA. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/quem-foi-marielle-franco/>> Acesso em 25/10/2022 - 13:13.

CURRÍCULO LATTES: MARIELLE FRANCISCO DA SILVA. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9314795985644167>> Acesso em 25/10/2022 - 13:30.

SOBRE LINN DA QUEBRADA. Disponível em: <<https://www.linndaquebrada.com/>> Acesso em 25/10/2022 - 20:23.

BIXA TRAVESTY. Direção de Linn da Quebrada, Claudia Priscilla e Kiko Goifman. Brasil: Paleotv, Canal Brasil, Válvula produções, 2019.

PINHEIRO, Ester. **Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo.** Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>>. Brasil de Fato, 2022.

IMIGRANTES INTERNACIONAIS REGISTRADOS NO BRASIL. Disponível em: <<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincre-sismigra/>>. Acesso em 26/10/2022 - 12:55.

MÁRQUEZ, Francia. ACEVEDO, Tatiana. RESTREPO, Álvaro. **Territorio.** Colômbia: Editora Futuro en transito, 2020.

¿Qué significa realmente el “vivir sabroso” de Francia Márquez? Historia de una filosofía del Pacífico que ahora resuena en Colombia. Disponível em: <<https://cnnespanol.cnn.com/2022/06/22/vivir-sabroso-francia-marquez-colombia-que-es-orix/>>. Acesso em: 26/10/2022 - 14:30.